

ALFABETIZAÇÃO E AFETIVIDADE

Amélia Aparecida Barbosa

RESUMO

O objetivo deste artigo é relacionar o processo de alfabetização, em específico a aquisição e domínio da língua materna, com vistas à afetividade no processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, buscamos compreender como se dá a produção de sentidos quando o aluno estrutura o pensamento durante a construção de hipóteses, como isto afeta e qual a relação estabelecida com a função prática da língua. Recorremos ao aporte teórico para sustentar a importância da afetividade para o coletivo (professor-aluno-escola) e também atentamos às relações que se constroem cotidianamente no primeiro ciclo do ensino fundamental, especificamente nos primeiros anos. Buscamos tecer considerações sobre a importância sem esgotar o tema para que outras contribuições possam ser construídas.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Afetividade.

INTRODUÇÃO

Pensar em alfabetização nas séries iniciais implica e atentar ao contexto no qual a criança está inserida, o que faz sentido e quais os caminhos a percorrer para que o processo se dê com significado e de forma eficaz.

Levando em conta a experiência como professora alfabetizadora foi perceptível a importância da afetividade para que o aprendizado seja significativo, uma vez que não se trata apenas de transmissão de conteúdo, mas sim a estruturação de um sistema de construções e produção de sentidos por parte da criança, ou seja, o aluno aprende melhor quando isto se dá de maneira contextualizada e objetiva, mas também quando existe compreensão de sua participação durante a aprendizagem.

Acreditamos que a afetividade, neste período em que a criança está ampliando seus conhecimentos e relações, seja um caminho para que a alfabetização se dê de maneira mais efetiva. A interação social é de extrema importância para a aquisição e domínio da linguagem, seja ela falada ou escrita, ambas interligadas durante a alfabetização nos anos iniciais, assim como a construção de elementos que acompanharão o sujeito durante toda a vida escolar, isto por que a produção de sentidos na leitura e na escrita são constantes.

Ao professor cabe mediar a troca entre as crianças e promover espaços nos quais o uso da linguagem escrita mostre seus múltiplos sentidos durante a alfabetização, mas que se

mostre significativo – também – fora do espaço escolar, despertando o prazer por aprender e isto só se faz quando a criança é afetada pelo significado, quando percebe quão importante é participar da própria construção de saberes e se percebe parte de um todo.

Para Oliveira e Rego (2003, p. 76) “pode-se afirmar que a afetividade humana é construída culturalmente” e a alfabetização se dá nos mesmos moldes, ou seja, as relações permeiam as trocas e produções de conhecimento no espaço escolar e fora dele.

A escola, como espaço de trocas entre sujeitos diferentes, com personalidades e desejos, visões e necessidades, além de expectativas e conceitos diferenciados dos que vêm a ser o trabalho pedagógico, nos leva a buscar compreender que estamos lidando com relações interpessoais e toda a carga que estas trazem ao ser humano, uma vez que envolve afetividade, sentimentos e tomada de consciência acerca do próprio papel no processo de ensino e aprendizagem.

CONCEITOS ACERCA DOS TERMOS ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

É comum referir-se ao letramento e à alfabetização como elementos distintos no aprendizado da língua materna, o que é um fato, porém não podemos deixar de ressaltar que são complementares entre si para melhor aproveitamento do sujeito durante o processo.

Alfabetização é o processo técnico do aprendizado da língua falada e escrita, regras e normas, capacidade motora e cognitiva para que o ensino-aprendizagem se dê em idade escolar regular (nos primeiros anos) ou na educação de jovens e adultos.

Letramento vai além da habilidade de ler e escrever, ou seja, o sujeito se mostra capaz de dominar a língua e fazer uso da mesma em seu cotidiano fora do contexto escolar. Este processo vislumbra a formação de leitores e escritores competentes, aos quais a língua escrita produza significados consistentes, capazes de analisar criticamente elementos da linguagem e formular hipóteses, além de associar esta habilidade aos diversos conteúdos escolares ou não. Neste sentido, Mortatti ressalta que:

Até por se tratar de uma palavra recente, nem sempre são idênticos os significados que lhe vêm sendo atribuídos nesses diferentes espaços, assim como os objetivos com que é utilizada. A relação mais imediata de “letramento” ocorre com “alfabetização”. Embora alfabetização não seja pré-requisito para letramento, este está relacionado com a aquisição, utilização e funções da leitura e escrita em sociedades letradas, como habilidades e conhecimentos que precisam ser ensinados e aprendidos, estando relacionado também com a escolarização e a educação

abrangendo processos educativos que ocorrem em situações tanto escolares quanto não escolares. (p. 11).

Podemos dizer que alfabetização é o processo básico, as metodologias e recursos utilizados para que se aprenda a ler e escrever e o letramento ultrapassa esta prática técnica, implica em dominar as habilidades de uso formal e cotidiano da linguagem para expressão do pensamento em contextos diferenciados.

Cabe ressaltar que letramento é prática e não uma metodologia que vislumbra dar conta das lacunas no processo de alfabetização. Este é um processo de imersão do sujeito no mundo da escrita, tal como trata Kleiman (2005) e esta mesma imersão dar-se-á através de práticas diárias de leitura e contato direto com diferentes materiais escritos, despertando diferentes sentidos no leitor, independentemente do nível no qual se encontre, a funcionalidade é a produção de sentidos.

Dentro do processo de alfabetização vemos o domínio da técnica da leitura e no letramento o apreço pelo ato de ler, o mesmo ocorre com a escrita, deixam de ser instrumentos de comunicação e passam a ser ferramentas para vivenciar o aspecto social da leitura/escrita que é a comunicação e sociabilidade inerentes aos seres humanos.

Atualmente, as concepções dominantes são bem diferentes: entende-se que a aprendizagem ocorre a partir da relação entre o sujeito e os diversos objetos de conhecimento, sendo, no entanto, tal relação sempre mediada por algum agente cultural. O aluno passa a ser considerado como sujeito ativo no processo e, na escola, o professor visto como o principal mediador, mas não único, entre sujeito e objeto. (LEITE, 2011, p.18).

Ao constatarmos a diferença entre as concepções entendemos que a pessoa pode ser alfabetizada, mas isto não significa que seja letrada. É possível saber escrever um pequeno texto e não haver significado para o sujeito, não produziu um sentido o ato da escrita e nem a decodificação do texto, foi executada apenas parte do processo.

O processo de letramento demanda o estabelecimento das mais diversas relações em sua construção e, ao nosso entender, não apenas a função de comunicação em sociedade, mas também a relação afetiva com o objeto do conhecimento e as trocas entre os pares.

Para Kleiman (2005) letramento é “um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo lugar. Porque a escrita está em todos os lados, fazendo parte da paisagem cotidiana” (p.5) e as relações sociais, interpessoais e afetivas não se dissociam da produção de sentidos por parte do sujeito.

Isto significa que a afetividade precisa estar no alicerce do processo de alfabetização e nas relações deste com o letramento. Tal posicionamento justifica nosso foco teórico e prático

a este aspecto da escolarização formal, em especial por acreditarmos que a escola é tecida por relações, pessoas e instrumentos de comunicação que não são destituídos de sentido.

Os processos de alfabetização e letramento não se dão de forma isolada. É durante a alfabetização que temos a oportunidade de desenvolver um ambiente afetoso e dinâmico de forma que o letramento desencadeie nesta produção de significados, pois é fato que o interesse pelo conteúdo faz com que o sujeito aprenda com mais prazer.

Ver sentido na alfabetização e não apenas entender como um processo penoso de repetição e articulação de assuntos sem conexões é o caminho ideal para construir as relações com a criança em processo de aquisição/domínio da leitura e escrita. É necessário que a situação e os conteúdos trabalhados sejam significativos, mas também cabe ao professor demonstrar a importância disto para si, uma vez que não é possível ensinar o que não se sabe ou não aprecia.

Letramento pode significar compreender os sentidos, não apenas de textos, mas de qualquer produção cultural e social, por isto está além dos limites da alfabetização e é permeado pelas relações que o sujeito estabelece nos grupos com os quais convive.

ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E AFETIVIDADE

Uma vez compreendendo o papel de cada parte no todo para o desenvolvimento global do sujeito, podemos flexibilizar os métodos de ensino da leitura e da escrita, inclusive pelo fato do uso social que o aluno faz fora do espaço escolar, já que os códigos estão por toda a parte, do ponto de ônibus até as tecnologias presentes nas vivências cotidianas.

Letramento não é alfabetização, mas a inclui. Escola é um espaço específico de construções sociais, mas não pode ser vista desvinculada dos demais e é neste ponto que inserimos a importância da sociabilidade e das relações afetivas para o aprendizado significativo.

Entendendo a alfabetização e o letramento como partes de um processo vemos o professor como um mediador de relações entre estes instrumentos, com o objetivo de instrumentalizar o aluno para o melhor uso do conteúdo aprendido, mantendo relação com o que é intrínseco ao espaço escolar e usos fora deste.

Para Klein (1996) o objeto do conhecimento não existe fora das relações humanas e formam sua essência, uma vez que só existe a partir do relacionar com o meio social e a relação professor-aluno, adulto-criança, criança-criança e objeto do conhecimento não se desvincula desta estruturação.

Wallon considera que a afetividade é essencial ao processo de ensino e à aprendizagem e vemos relação nisto quando assumimos que o sujeito perpassa por vários contextos além da escola, nestes mesmos tece e estreita relações que se relacionam com seu potencial de desenvolvimento, não sendo possível desvincular o sujeito do meio.

A teoria de desenvolvimento de Henri Wallon é um instrumento que pode ampliar a compreensão do professor sobre as possibilidades do aluno no processo ensino-aprendizagem e fornecer elementos para uma reflexão de como o ensino pode criar intencionalmente condições para favorecer esse processo, proporcionando a aprendizagem de novos comportamentos, novas ideias, novos valores. Na medida em que a teoria de desenvolvimento descreve características de cada estágio, está também oferecendo elementos para uma reflexão para tornar o processo ensino-aprendizagem mais produtivo, propiciando ao professor pontos de referência para orientar e testar atividades adequadas aos alunos concretos que tem em sua sala de aula. A identificação das características de cada estágio pelo professor permitirá planejar atividades que promovam um entrosamento mais produtivo entre essas características, conforme se apresentem em seus alunos concretos, e as atividades de ensino (MAHONEY e ALMEIDA, 2005, p. 3).

A produtividade no processo de ensino aprendizagem não quer dizer diretamente quantidade de conteúdos, mas sim a qualidade da produção de sentidos e as relações construídas pelo sujeito durante o processo.

A apropriação de objetos culturais também se dá a partir das relações, isto pela razão de não podermos separar a escola do contexto macro no qual está inserida, assim como não temos como negar a influência que os elementos externos possuem na forma do sujeito relacionar-se como os objetos do conhecimento, como trabalhará as questões e formulará hipóteses. É preciso penetrar neste universo através das relações e perceber a dinâmica para conduzir não só o processo pedagógico, mas também compreender os caminhos do raciocínio daquele que está aprendendo e apreendendo novos significados e, conseqüentemente, produzindo novos.

Afetividade, neste contexto, é a capacidade do ser humano em deixar-se ser afetado pelo mundo externo, em termos de relações e sentimentos, o que implica na construção de significados no espaço escolar. Partindo do pressuposto de que a alfabetização e o letramento são processos produtores de sentido ao ser humano, podemos acrescentar que este se vê afetado pela necessidade de compreender o conteúdo, fazer uso do mesmo e levá-lo aos demais espaços/relações que estabelece em seu desenvolvimento.

O mesmo ocorre internamente também. Acreditamos que a construção e ampliação de saberes se dá a partir da percepção de sentido do sujeito para o mundo interno, sua vinculação

com o mundo externo e apropriação desta junção na organização de novos elementos que corroboram com o desenvolvimento global.

É nesta vinculação da elaboração dos conhecimentos internos com os externos que o sujeito transpõe os limites, com consciência, de que a leitura e escrita possuem uma função social além da alfabetização enquanto instrumento, recorre à junção desta com situações do mundo letrado para (re) construir hipóteses e desenvolver suas potencialidades.

Estas mesmas potencialidades são perceptíveis nas trocas afetivas, para Mahoney e Almeida (2005) "na emoção, há o predomínio da ativação fisiológica, no sentimento, da ativação representacional, na paixão, da ativação do autocontrole" (p. 5) e acreditamos que é neste trajeto que se dá a passagem da compreensão de que letramento está além da capacidade de compreender a instrumentalização que a alfabetização oferece, mas se mostra cabível no tecer de relações entre a teoria e as vivências cotidianas.

O professor neste processo carece ser mediador de inferências, ou seja, oferecer instrumentos para que o sujeito reflita sobre o que está aprendendo e qual a importância disto para sua relação enquanto agente ativo no mundo, oportunizando situações nas quais o aluno se veja parte do processo e não mero receptor de conteúdos.

Não é um caminho fácil, reconhecemos isto, porém aceitar os limites da alfabetização não dá conta de transpor os problemas de aprendizagem, o que mostra a deficiência do ensino.

Sem a intenção de apontar falhas metodológicas nas diferentes vertentes que estudam alfabetização, acreditamos que é preciso afetar o aluno e despertar no mesmo a consciência de que o conteúdo escolar é prazeroso e pode ser usado fora do espaço escolar.

Perceber o significado para a vida, de forma contextualizada, torna mais fácil a percepção de que o ensino formal faz parte das vivências do sujeito, de suas construções e concepção de mundo. Conceber o mundo é perceber-se parte dele e isto não se dá de forma cartesiana, mas sim construtiva, de dentro para fora e apenas a afetividade pode movimentar estas mudanças individuais e, posteriormente, coletivas.

A afetividade é importante para uma aprendizagem significativa, tanto a escola quanto a família possuem importância neste processo. As interações sociais são fundamentais para a compreensão da dinâmica de comunicação presente na sociedade com a qual o sujeito precisa lidar, da mesma forma como a ciência de que estas interações interferirão nos saberes de cada um, isto considerando as singularidades necessárias – também – para o desenvolvimento coletivo, já que existe a contribuição bilateral em todas as trocas.

Em contrapartida, a falta de interação também pode implicar na impossibilidade de crescimento pleno do sujeito, suas construções individuais e influências no coletivo. As

relações com outros sujeitos fazem parte da humanidade, do constante construir-se a partir das relações, dos saberes já construídos socialmente e de suas reformulações, o que está presente não apenas no processo de alfabetização, mas em todas as situações de letramento com as quais os sujeitos se deparam dentro e fora do espaço escolar.

A escola não é o único ambiente no qual o sujeito aprende e saber disto é primordial para a condução do processo pedagógico e da seleção de condutas metodológicas para atingir objetivos acerca de cada conteúdo, a interdisciplinaridade dialoga com a afetividade: ambas necessitam fazer sentido ao aluno e ao professor, uma vez que ambos estão em um constante troca e produção de conhecimentos.

É simplista confundir afetividade com carinho, amor e dedicação durante o processo de ensino-aprendizagem, é notório que as boas relações geram frutos, mas pensamos o afeto como o atingir, afetar, mexer com o sujeito, de forma a levá-lo a interferir no próprio aprendizado.

Seria o similar ao que postula a teoria freireana de aprendizado e produção de conhecimento onde alunos e professores aprendem ao mesmo tempo, pois ambos os casos carecem de coragem e determinação, interesse e envolvimento, e ninguém se envolve com aquilo que não faz sentido.

Desta forma, afeto é fazer sentido ao aluno e isto pode dar-se de forma não tão tranquila, as tensões entre o que se sabe e o que se está buscando aprender não é algo simples. Aprender implica esforço e a afetividade leva a isto. A partir do momento no qual o sujeito é afetado pela necessidade, pelo interesse e pelos sentidos da aprendizagem passa a compreender que é sujeito ativo nisto.

Todo este movimento se dá com esforço, sendo a emoção uma das partes do processo, e aprender também é algo orgânico, presente nos seres humanos e na racionalidade dos mesmos.

A afetividade é essencial em todas as etapas do desenvolvimento humano, em maior ou menor grau, mas nunca é nula. O ser humano é social e vive em um ambiente permeado por suas relações, isto faz parte da cultura de cada instituição da qual faz parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É esperado, com esta reflexão inicial, contribuir para uma explanação geral sobre a afetividade e suas influências no processo de alfabetização e práticas de letramento. Sabemos

não ser possível esgotar o tema e – tão pouco – fazê-lo em um trabalho sem amplo aprofundamento teórico.

Concluir não é tarefa fácil, porém acreditamos que são as inquietações despertadas durante as leituras nosso próprio processo de letramento que culmina a expansão da busca por novos sentidos, conceitos e explicações para compreender o objeto da pesquisa.

Percamos a visão simplista de que afetividade está – apenas – ligada ao desenvolvimento emocional dos sujeitos e passemos a perceber como uma vertente para compreender o todo, a aprendizagem individual e a singularidade de cada sujeito ao qual apresentamos um conteúdo durante a alfabetização.

O processo formal de alfabetização nem sempre dá conta de abarcar toda a amplitude da necessidade humana de interagir com os objetos do conhecimento, e entendemos por objetos não apenas o conteúdo de determinada disciplina, mas também as relações, inferências e modificações ao longo do caminho percorrido em cada construção coletiva.

As etapas do conhecimento podem ser mensuradas, citemos como exemplo as fases da escrita de Emília Ferreiro, porém não são estáticas e variam de um sujeito para outro e é a construção cotidiana que torna esta concepção mais clara.

Afetividade é estabelecer sentidos, significados e aguçar potencialidades para que o saber seja significativo, por isto optamos por abordar a questão no presente trabalho. Tal interesse abre precedente para ampliação da teoria e observação da prática, uma vez que, nós professores, somos aprendentes em constante evolução e percebendo esta condição nos alunos podemos tornar o trabalho pedagógico mais eficaz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KLEIMAN, ANGELA. B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** CEFIEL/IEL/UNICAMP, 2005.

KLEIN, L. R. (1996) **Alfabetização: quem tem medo de ensinar.** São Paulo: Cortez.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade e Práticas Pedagógicas.** São Paulo: Cada do Psicólogo, 2011. 1ª reimpr. da 2. ed. de 2008.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Alfabetização: em defesa da sistematização do trabalho pedagógico.** In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Alfabetização e Letramento: contos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2010.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon.** *Psicologia da Educação* n.20, São Paulo, jun. 2005.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.

OLIVEIRA, Marta Kohl de; REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto.** In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 2003.